
Dossier

Los Rio-Deutsche y la estructura de la campaña a favor de Alemania en Brasil durante la Primera Guerra Mundial



Los Rio-Deutsche y la estructura de la campaña a favor de Alemania en Brasil durante la Primera Guerra Mundial

The Rio-Deutsche and the structure of germanophile campaign in Brazil over First World War

Livia Claro Pires
Investigadora independiente, Brasil
liviaclarop@gmail.com

Historia & Guerra
núm. 8, p. 31 - 51, 2025
Universidad de Buenos Aires, Argentina
ISSN-E: 2796-8650
Periodicidad: Semestral
historiayguerra@gehiguc.ar

Recepção: 23 Outubro 2024
Aprovação: 11 Março 2025

DOI: <https://doi.org/10.34096/hyg.n8.15989>

URL: <https://portal.amelica.org/ameli/journal/678/6785555011/>

Resumo: O presente artigo pretende analisar a atuação da comunidade teuto-brasileira do Rio de Janeiro na articulação da narrativa pró-Alemanha ao longo da Primeira Guerra Mundial. A então capital federal abrigava a mais antiga comunidade teuto-brasileira em zona urbana, formada a partir de 1808. Detentora de alto poder econômico, seus membros, conhecidos como *Rio-Deutsche*, integravam as elites culturais e políticas da República. Quando deflagrada a beligerância, fizeram uso destas redes de contato visando encampar iniciativas para a conquista da opinião pública em direção aos Impérios Centrais. Propõe-se, assim, identificar e examinar brevemente os principais representantes dos *Rio-Deutsche* nos espaços políticos e culturais, seus interlocutores e estratégias para conquistarem a simpatia da sociedade brasileira para a campanha germânica ao longo da Grande Guerra, compreendida como uma *guerra global*.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la actuación de la comunidad germano-brasileña de Río de Janeiro en la articulación de la narrativa pro-alemana a lo largo de la Primera Guerra Mundial. La entonces capital federal albergaba la comunidad germano-brasileña urbana más antigua, formada a partir de 1808. Con un alto poder económico, sus miembros, conocidos como *Rio-Deutsche*, formaban parte de las élites culturales y políticas de la República. Al estallar la guerra, utilizaron estas redes de contacto para emprender iniciativas destinadas a ganar la opinión pública en favor de las Potencias Centrales. Se propone, así, identificar y examinar brevemente a los principales representantes de los *Rio-Deutsche* en los espacios políticos y culturales, sus interlocutores y estrategias para ganar la simpatía de la sociedad brasileña para la campaña alemana a lo largo de la Gran Guerra, entendida como una *guerra global*.

Abstract: This article aims to analyze the role of the German-Brazilian community in Rio de Janeiro in articulating the pro-German narrative throughout World War I. The then federal capital housed the oldest urban German-Brazilian community, formed in 1808. With high economic power, its members, known as *Rio-Deutsche*, were part of the cultural and political elites of the Republic. When the belligerence broke out, they made use of these networks of contacts to undertake initiatives to win over public opinion in favor of the Central Powers. Thus, it is proposed to identify and briefly examine the main representatives of the *Rio-Deutsche* in the political and cultural spheres, their interlocutors, and strategies to gain the sympathy of Brazilian society for the German campaign throughout the Great War, understood as a *global war*.

Os imigrantes alemães no Brasil no contexto do conflito mundial

Apesar da condição de país neutro, o Brasil esteve inserido nas dinâmicas político-econômicas da conflagração desde o seu início. Seu envolvimento e reações atravessaram diversas fases à medida que os cenários do conflito se transformaram ao longo do quadriênio de 1914-1918. O estado de beligerância entre três de seus principais parceiros econômicos - França, Grã-Bretanha e Império Alemão - fez com que os choques entre esses combatentes reverberassem sobre o comércio internacional, e, por conseguinte, sobre a sociedade, a economia interna, e as relações políticas dentro da República.

Tais impactos podem ser compreendidos como um reflexo dos processos de totalização e globalização da Primeira Guerra Mundial (Audoin-Rouzeau, Becker, 1998). As relações diplomáticas e a política internacional concentraram seus esforços no estrangulamento econômico e político do inimigo, e na mobilização da opinião pública, inclusive a dos países neutros, em favor das campanhas de guerra. O objetivo era a aniquilação completa do oponente e, para isso, desenhou-se uma *guerra econômica*. Na América Latina, de acordo com Stefan Rinke, a manutenção e a prática da neutralidade pelos latino-americanos foi obstruída, acima de tudo, pelas pressões comerciais e financeiras dos combatentes, acompanhadas por ações de propaganda (2017: 61).

Nessa conjuntura, a estratégia britânica foi determinante. Em 1914, foi aprovada pelo parlamento a *Trading with the Enemy Act*, legislação que proibia o comércio entre cidadãos britânicos e inimigos do reino. Em dezembro de 1915, como reação à guerra submarina irrestrita anunciada pelo Estado Maior alemão, houve a ampliação da *Trading ...* e a criação do Departamento de Comércio Estrangeiro (*Foreign Trade Department*) junto ao ministério de relações exteriores, responsável pela sistematização das *Black Lists* (Rinke, 2017: 74-76). Publicadas a cada duas semanas, as listas discriminavam as firmas de propriedade alemã ou de descendentes de alemães, de várias partes do globo, coibindo suas transações comerciais e financeiras.

De maneira subsidiária à *guerra econômica*, estavam as estratégias da propaganda aliada. Estas pretendiam convencer os países neutros da assertividade das suas restrições, impostas por uma “causa justa”. Tencionavam, assim, atrair seu suporte material e simbólico. Nesse cenário, segundo Stefan Rinke, a América Latina foi campo de disputa entre as potências beligerantes, em função do grande número de estados neutros e pelos interesses resguardados na região (2015: 1). Por várias razões, prevaleceu a propaganda aliada entre os latino-

americanos. Em setembro de 1914, a Grã-Bretanha cortou os cabos telegráficos submarinos que permitiam a comunicação da Alemanha com as Américas, dificultando que notícias sobre a campanha da *Vierbund* chegassem àqueles continentes. Somado a esse fato, estava o favoritismo expresso pelas elites culturais daqueles países aos Aliados, o que as tornavam mais sensíveis às narrativas da guerra emitidas pelo bloco.¹

Da mesma forma que a *guerra econômica* aliada mirava as empresas de capital germânico, a sua máquina de propaganda tinha os alemães como principal alvo. Tais materiais os traziam como uma população degenerada biologicamente, com tendência à violência e ao autoritarismo, cuja cultura era uma demonstração da *barbárie* inerente àquelas pessoas (Arouca, 2023: 233). A *desumanização do inimigo* foi estendida aos agrupamentos de imigrantes teutos localizados fora do Velho Continente (Horne, 2002: 3-4). Panikos Panayi afirmou que o caso de perseguição aos alemães entre 1914 e 1918 se destaca frente aos demais grupos étnicos que sofreram violências semelhantes por ter ocorrido simultaneamente e em escala global em várias partes do mundo (Panayi, 2014: 3). Entre britânicos, russos e estadunidenses, a *germanofobia* foi insuflada por teorias conspiratórias, questionamentos ao patriotismo de cidadãos de origem alemã e acusações de espionagem (Panayi, 2014: 137-139). Segundo Panikos Panayi, abriu-se entre as nações neutras, uma espécie de *guerra fria* contra os agrupamentos germânicos dentro de seus territórios (Panayi, 2014: 10).

A intenção dos Aliados era aumentar a desconfiança local com os imigrantes alemães para, assim, cercear o poder econômico e a influência daquelas comunidades em várias partes do mundo. Segundo Fernanda Bana Arouca, desmantelar financeiramente teutos e descendentes estava entre os principais objetivos da máquina de propaganda britânica direcionada para o Brasil e para a América Latina (2023: 187). No caso brasileiro, embora a maioria dos núcleos proviessem das classes médias, e uma parte deles estivesse nas áreas rurais, sem manifestar preocupação com os rumos do conflito mundial, suas elites econômicas demonstraram especial interesse no que se passava no Velho Continente (Luebke, 1987: 175).

A imprensa e organizações *germanófilas* locais ajudaram a disseminar tais estereótipos. Foi o caso da Liga Brasileira pelos Aliados, um dos vetores da propaganda aliada no Brasil (Arouca, 2023: 229). A associação foi oficialmente apresentada ao público em março de 1915, como uma iniciativa do capitão do Exército e jornalista Eliseu Montarroyos, do professor Antônio Reis Carvalho e de Augusto de Araújo Gonçalves. José Veríssimo e o escritor Graça Aranha, por seu prestígio junto à classe intelectual fluminense, foram convidados posteriormente por Reis Carvalho para se somarem aos

esforços de criação da Liga, com o objetivo principal de organizar as manifestações brasileiras em favor dos Aliados. Mais do que isso, o grupo cavaria no Rio de Janeiro a sua própria trincheira, à medida que propôs lutar na guerra da civilização contra a *Kultur*, do embate derradeiro da herança latina contra a barbárie germânica. Dessa forma, acreditavam estar defendendo não apenas os seus favoritos na contenda, mas o próprio futuro brasileiro, uma vez reconhecendo-se como parte da civilização latina ameaçada pelos “boches” (Pires, 2019).

Inclusive, a campanha anti-germânica dos Aliados encontrou eco entre os receios brasileiros sobre o *perigo alemão*. Esta seria uma suposta ameaça de anexação de parte do centro-sul do Brasil ao Império Alemão, ou, ainda, da criação de um Estado independente dentro do território brasileiro (Seyfert, 1989, p. 119). Segundo Giralda Seyfert, o temor da existência do *perigo alemão* se disseminou entre a intelectualidade brasileira desde meados do século XIX, anterior, portanto, à unificação da Alemanha e à sua política imperialista (Seyfert, 1989: 118). Contudo, o estabelecimento de ambos após a Guerra Franco-Prussiana, e a consolidação do imperialismo no pensamento nacionalista alemão, traduzido em especial na ação da Liga Pangermânica, contribuiu para disseminar o sentimento de desconfiança direcionado especificamente a esses imigrantes. Isto, somada à exposição à propaganda aliada, ajudaram a compor uma mobilização contrária aos alemães entre os brasileiros durante a Grande Guerra.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a investigar os mecanismos utilizados e agentes representantes dos chamados *Rio-Deutsche* na intenção de formar uma opinião pública brasileira em favor da campanha alemã. Instados pelas intempéries econômicas e hostilidades frutos do contexto da conflagração, deduz-se que o grupo empreendeu uma disputa pelas narrativas sobre a Primeira Guerra Mundial com setores pró-Aliados da sociedade brasileira, em uma ação coordenada junto aos representantes diplomáticos do *Reich* no país, e que se assemelha à prática de outras comunidades teutônicas na América Latina. Para atingir seus objetivos e resguardar tanto seus negócios, quanto seus valores étnicos - ambos sob ataque naquele momento - os *Rio-Deutsche* fizeram uso, sobretudo, da imprensa local. Por essa razão, esta investigação se debruça sobre o jornal *A Tribuna* e sobre a revista *Vozes de Petrópolis*, principais plataformas de divulgação de uma narrativa *germanófila* da guerra no Rio de Janeiro. Além disso, os *Rio-Deutsche* se valeram de suas conexões fora dos limites do grupo, buscando emissores em tese isentos para o convencimento do seu interlocutor. Assim, trouxemos para o escopo de análise a atuação do deputado federal João Dunshee de Abranches, que empreendeu ampla atuação da Câmara dos Deputados em favor

dos interesses do grupo. Através da análise qualitativa tanto dos periódicos mencionados, quanto da bibliografia produzida pelo parlamentar brasileiro, buscou-se identificar elementos no discurso, na organização e na produção que os conectassem àquele grupo de imigrantes e sua forma de atuação durante a conflagração.

A relevância dos *Rio-Deutsche* para o entendimento da mobilização dos imigrantes alemães no Brasil se deve pela importância econômica e política do núcleo, que detinha alto poder financeiro e se encontrava próximo da esfera de poder federal. Apesar disso, não há estudos de fôlego sobre sua atuação diante da Primeira Guerra Mundial, sendo que a historiografia atual incide majoritariamente sobre as comunidades baseadas ao sul do Brasil. Isso se percebe tanto na historiografia específica sobre a imigração teuta no Brasil entre os anos de 1914 e 1918, como as produções de Frederik C. Luebke e de Stefan Chamorro Bonow, quanto em obras mais generalistas a respeito do impacto da Grande Guerra sobre a América Latina, como as análises de Olivier Compagnon e de Stefan Rinke.

Os Rio Deutsche

De acordo com Frederick Luebke, “a estrutura social desenvolvida entre os teuto-brasileiros ao longo do século XIX e no início do século XX foi o produto da adaptação da cultura dos imigrantes germânicos com o ambiente social do Brasil” (Luebke, 1989: 60). Tal afirmação contraria uma interpretação tradicional, que credita a esses grupos a homogeneidade e o isolamento. Assim, é possível compreender que a comunidade de alemães e teuto-brasileiros presente no Rio de Janeiro vivenciou experiências que resultaram na construção de características que a diferenciam dos núcleos de imigrantes de outras partes do país.

Segundo Marina Michahelles, os teutos assentados no Rio de Janeiro não pretendiam trabalhar ou adquirir uma propriedade rural, mas exercerem atividades comerciais e industriais.² Para a cidade se dirigiram não grupos subvencionados pelo Estado brasileiro, mas indivíduos que escolheram migrar por iniciativa própria, e retornar à Europa tão logo alcançassem a fortuna desejada. O retorno à terra natal não se concretizou para todos esses empreendedores, uma vez que muitos estabeleceram-se em definitivo no Rio de Janeiro e nos municípios próximos. De acordo com Michahelles, esses sujeitos atuaram no ramo de importação de produtos europeus e exportação de produtos brasileiros, fundando firmas voltadas para essa atividade.³

Por sua atuação nos setores da indústria e do comércio exterior, os *Rio Deutsche* eram, em geral, um núcleo abastado, de significativo poder econômico, articulado com diferentes setores da sociedade fluminense.⁴ O movimento de integração dos colonos com a cidade se

comprova na presença de seus integrantes em lugares como o Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, a Associação Comercial, a Escola Militar da Praia Vermelha, o Colégio Pedro II e o Jardim Botânico, numa ação de ocupação dos espaços físicos e simbólicos da capital da República (Lenz, S/D: 8-9). Circulavam, dessa forma, em locais reservados à elite política, econômica e intelectual da cidade. A proximidade entre o grupo e os círculos de poder se comprova, por exemplo, pelo casamento de Hermes da Fonseca, presidente da República em 1914, com Nair de Teffé von Hoonholtz, filha de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Teffé e membro da comunidade. Outra demonstração seria a filiação de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores entre 1912 e 1917, à *Sociedade Germania*.⁵

O contato com o restante da sociedade fluminense foi um elemento definidor da sua identidade. Para Michahelles, a identidade dos *Rio-Deutsche* era baseada “no contato interétnico entre ‘alemães’ e brasileiros, tendo como referência a nação alemã e a participação política e econômica desses imigrantes no Brasil” (Michahelles, 2003: 18). A afirmação da historiadora indica que, apesar desse convívio, os Rio Deutsche vinculavam sua identidade cultural à Alemanha, através da afirmação do *Deutschtum*.

O *Deutschtum* era um elemento fundamental na composição e entendimento da identidade étnica alemã dos teuto-brasileiros, sobretudo entre os grupos urbanizados.⁶ Michahelles o define como “categoria que engloba não somente as tradições e costumes alemães, mas preponderantemente um vínculo com a Alemanha” (Michahelles, 2003: 59). Do mesmo modo, para René Gértz, a ideia de *Deutschtum* pode ser traduzida por germanismo e possui duas acepções possíveis. A primeira, de fundo demográfico, diria respeito ao conjunto da população alemã e seus descendentes, enquanto a segunda, cultural, seria a defesa da “germanidade” (Gértz, 1998, p. 43). Esta é uma concepção que vai ao encontro daquela trazida por Carla Russ, onde *Deutschtum* é apreendido como um “termo nacionalista que se refere à nação alemã em conceitos culturais e étnicos” (Russ, 2019: 10).

No entanto, o que se desenhou entre as comunidades de imigrantes germânicos no Brasil foi o *Deutschtumbrasilianertum* - o *Deutschtum* teuto-brasileiro - colocando-os como uma categoria distinta dentro da etnia alemã. O *Deutschtumbrasilianertum* consistia em afirmar o pertencimento à nação alemã enquanto grupo étnico, ou seja, a adoção e o direito de manutenção da língua, dos valores e tudo aquilo compreendido como expressões da *cultura alemã*. Contudo, o conceito certificava também o direito desses grupos de participação ativa no Estado, reconhecendo-se, dessa forma, como cidadãos

brasileiros. Foi através dessa dupla acepção, como alemães, mas também como brasileiros, que os *Rio Deutsche* se articularam para defender seus interesses – materiais e simbólicos – no curso da Primeira Guerra Mundial (Seyfert, 1989: 27).

A Primeira Guerra Mundial

Na literatura tradicional sobre a imigração alemã no Brasil, conclui-se que a campanha teuta na Grande Guerra não foi uma preocupação dividida pela totalidade do contingente de alemães e teuto-brasileiros residentes no Brasil.⁷ Tal conclusão não se aplica às elites econômicas e urbanas dessa comunidade, que se mostraram mais atentas e ansiosas no que concerne à conflagração mundial. Para Luebke, os capitalistas alemães, financiados pelos bancos de sua terra natal, assim como clérigos, jornalistas, técnicos e empreendedores, tinham “fortes laços econômicos ou psicológicos com os europeus”, vendo-se afetados diretamente pela conflagração em seus interesses materiais e/ou ideológicos (1987: 176). Os comportamentos das comunidades teuto-brasileiras, portanto, podem ser interpretadas à luz de seus interesses econômicos e políticos, afetados pelo conflito, assim como em função das críticas contumazes feitas aos valores que compunham sua identidade étnica, pela intensificação dos conflitos entre concepções da identidade nacional brasileira e como essa comunidade compreendia a si própria (Luebke, 1989: 5). Por essa razão, as reações da comunidade alemã e teuto-brasileira ao conflito podem ser melhor observadas entre os grupos mais abastados e instruídos presentes nas capitais.

Os *Rio-Deutsche* durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto grupo de alto poder financeiro, composto por comerciantes e industriais, tiveram seus interesses atingidos diretamente pela conflagração. A *Black List* britânica foi um duro golpe contra seus dividendos financeiro. Mercadorias foram confiscadas em trânsito, encomendas de insumos foram negadas, contratos foram encerrados, tanto com negociantes estrangeiros, quanto dentro do Brasil, por receio de retaliações. Sobre esse período, o memorialista da *Sociedade Germania*, o engenheiro Heinrich Hinden, escreveu que comerciantes e proprietários germânicos tiveram que concentrar “todo seu poder intelectual na sua profissão para não serem derrotados” (Hinden, 1922, p. 486). Isto posto, Hinden afirmou que algumas firmas alemãs conseguiram contornar as interferências da *Black List* e dos agentes consulares britânicos até o final de 1916, contando com mudanças de nomes, abertura de sociedade com brasileiros, dentre outras estratégias que o próprio autor nomeou como arriscadas, devido à ameaça de serem descobertos pelos agentes

britânicos, ou ludibriados pelos sócios escolhidos (Hinden, 1922: 488).

A reação mais significativa dos *Rio Deutsche* no campo econômico veio na forma da Associação das Companhias Teuto-Brasileiras, criada em agosto de 1916. A organização da entidade coube a alguns capitalistas germânicos e teuto-brasileiros, como Hugo Ornstein, liderados por Christian Hechler. O objetivo desta entidade era proteger os negócios de seus participantes, coletando, por exemplo, provas dos abusos britânicos para serem entregues ao governo brasileiro (Hinden, 1922: 490). A Associação das Companhias Teuto-Brasileiras se articulou com núcleos de outros estados brasileiros, como São Paulo, Pernambuco, Bahia e Porto Alegre, e de países das Américas, como Argentina, Uruguai, Chile e Estados Unidos, demonstrando haver uma cooperação transnacional dos agrupamentos de imigrantes teutos nos assuntos concernentes à conflagração mundial (Hinden, 1922: 491).

Esta não foi a única tática perpetrada pelos *Rio-Deutsche*, afetados material e simbolicamente pelas dinâmicas da guerra. Promover a campanha alemã entre os brasileiros visava não apenas defender a terra natal de seus antepassados, mas proteger a si mesmos enquanto cidadãos contra as investidas sofridas dos oponentes do Império Alemão nas zonas de guerra, e dos *aliadófilos* locais. Assim como comunidades de imigrantes teutos em outras partes do mundo, os *Rio-Deutsche* traçaram uma série de estratégias para atingir seus objetivos entre 1914 e 1917, ano em que o Brasil rompeu as relações com o *Reich*. Atuar como disseminador do material de propaganda bélica adotado pelo Reich, e, por conseguinte, da sua narrativa da guerra, foi uma das principais ações do grupo. Em consonância, se utilizar das conexões previamente elaboradas com elementos externos à comunidade foi um procedimento recorrente e imprescindível para o alcance dos seus objetivos.

A defesa da campanha alemã

De acordo com Carla Russ (2019), a tarefa de disseminar a propaganda alemã na América Latina coube sobretudo às comunidades de imigrantes.⁸ A atuação destas foi dotada de uma articulação inter-regional, organizada entre os núcleos e setores financeiros e comerciais alemães, e transnacional, em conjunto com os representantes diplomáticos do Reich localizados na região. Conectados tanto àqueles grupos, quanto à sociedade local e ao governo de Berlim, esses agentes consulares representavam um ponto de intersecção de uma estratégia transnacional de propaganda, que transpassava diferentes países da Europa e das Américas.

Notas na imprensa fluminense, dentre outros registros, expõem as conexões entre os *Rio-Deutsche* e a legação diplomática germânica. Adolf Pauli era o chefe da legação diplomática alemã no país. O enviado de Berlim demonstrava proximidade com os capitalistas da *Sociedade Germania*. Na primeira semana de agosto, portanto, no início do conflito, o jornal *Correio da Manhã* deu uma nota sobre a reunião ocorrida na *Sociedade Germania*, entre Pauli, sócios da entidade e representantes de associações beneficentes do grupo para “trocar ideias a respeito da grave situação que está atravessando a sua pátria”.⁹ Com residência em Petrópolis, Pauli demonstrou estar integrado também ao núcleo alemão da serra fluminense. Em ofício encaminhado a Lauro Müller, o diplomata dizia ter se aconselhado junto ao Barão de Teffé - proeminente teuto-brasileiro e sogro do presidente da República – para protestar junto ao chanceler em vista dos discursos pró-Aliados ocorridos na Câmara dos Deputados.¹⁰ Outra evidência do convívio do corpo diplomático alemão com os Rio Deutsche foi apresentada anos mais tarde, por Heinrich Hinden. No livro de memórias da *Sociedade Germania*, o engenheiro registrava o envio do novo embaixador da República da Alemanha no Brasil, George Plehn, em 1920, após restaurada as relações entre os dois países. O representante alemão foi apresentado ao leitor como “o homem que precisou de nós em seu trabalho prévio como cônsul geral na Espanha” (Hinden, 1922: 523). A observação do memorialista faz referência, possivelmente, ao envio de propaganda alemã a América Latina, uma vez que Plehn foi apontado como um intermediador desse material para a região, através de Barcelona, local em que atuara durante os anos da guerra (Carden, 2014).

O envolvimento dos *Rio-Deutsche* na disseminação da propaganda alemã pode ser comprovado através da análise da imprensa fluminense entre 1914 e 1917. Durante os anos da guerra, houve a preocupação em traduzir para o português o periódico da comunidade *Deutsche Tageblatt*, que circulou sob o nome *Diário do Rio*, entre os anos de 1915 e 1917, trazendo informações sobre a campanha germânica. O exemplo mais evidente, contudo, da utilização da imprensa local para a disseminação de uma imagem pró-Alemanha foi o jornal *A Tribuna*.

O jornal tem suas origens no *A Tribuna Liberal*, fundado nos primeiros anos da República brasileira pelo monarquista - e futuro *germanófilo* - Carlos de Laet. Seu compromisso era fazer oposição ao regime recém-instaurado. A primeira versão teve vida curta, e em 1890, foi resgatado por Antônio de Medeiros, já sob o título de *A Tribuna*. O caráter opinativo no que tangia à política brasileira o fez ser empastelado no governo de Floriano Peixoto. O jornal foi reinaugurado anos mais tarde, como parte da Sociedade Anônima O Malho, fundada em conjunto pelo deputado Luiz Bartholomeu de

Souza e Silva, e pelo senador pelo estado de Mato-Grosso Antônio Azeredo.¹¹

Até meados de outubro de 1914, cobriu a beligerância tal qual os demais periódicos da cidade. Nos dois primeiros meses, o tema da guerra ocupou, de forma irregular, parte da primeira página; posteriormente, o assunto foi restrito aos espaços criados para abordá-lo exclusivamente. O ângulo da notícia também era o mesmo, ou seja, pró-Aliado. Estampavam a capa do jornal gravuras mostrando o avanço das tropas de França e Inglaterra, e as derrotas dos alemães em suas empreitadas. Quando da invasão do reino da Bélgica pelo exército do Kaiser, o *A Tribuna* abraçou a narrativa aliada, relatando os maus-tratos aos civis, baseados em textos da imprensa francesa e inglesa, que circulavam traduzidos em suas páginas.

A partir de outubro de 1914, o jornal sofreria uma mudança radical em sua postura, quando a guerra passou a ser contada de forma favorável à Alemanha. Colocando-se na contramão da *aliadofilia* generalizada da imprensa brasileira, o periódico se manteve entrincheirado em favor da causa alemã. Pela maneira combativa com que assumiu a cobertura do conflito, tornou-se plataforma e elemento de mobilização para a parcela da intelectualidade fluminense que pôs sua pena a serviço do povo alemão, norteando seus discursos e direcionando ações.

Houve, dessa forma, uma reestruturação do material apresentado aos leitores. As gravuras e fotografias veiculadas na página de rosto deixaram de retratar a rotina dos soldados da Entente e suas conquistas, e deram lugar a imagens do contingente militar dos Impérios Centrais e seus avanços nas frentes de batalha. Mapas mostrando as áreas que caíam sob o domínio das tropas alemãs, e tabelas comparativas entre o desempenho das forças do Kaiser e dos Aliados, também foram recursos largamente utilizados. A agência Havas e demais veículos da imprensa francesa e inglesa foram substituídos gradativamente por meios de comunicação alemães e austro-húngaros, como *Berliner Tageblatt*, *Hamburger Fremdenblatt*, *Deutsches Handelstages*, e *Hamburger Nachrichten*. A mera descrição dos acontecimentos militares também foi com maior regularidade guarnecida com textos analíticos, em geral traduções do que era publicado na imprensa alemã. Além dos veículos de comunicação dos Impérios Centrais, *A Tribuna* passou a traduzir material produzido pela mídia de países neutros, mas que tinham uma proeminente articulação pró-Alemanha, como Espanha e Argentina. Nesse sentido, os brasileiros conheceram as opiniões de intelectuais espanhóis, e os escritos do correspondente argentino em Berlim, Manuel Mateo Campos, que passou a assinar a seção “Cartas da Alemanha”.¹²

A atuação da gazeta em favor da Alemanha chamou a atenção dos governos aliados. Tanto representantes diplomáticos franceses quanto ingleses acusaram a folha de ter cedido ao dinheiro germânico. O dramaturgo Paul Claudel, percorrendo a América Latina em missão diplomática - afirmou ser o *A Tribuna* o “órgão oficial do ministro da Alemanha” (apud Compagnon, 2014: 108). Já os súditos do rei Jorge V constataram que o jornal e o seu editor recebiam, respectivamente, 60.000 e 1.000 a 1.500 francos por mês para manterem qualquer notícia contrária à *causa alemã* longe das vistas dos seus leitores.¹³ Cabe ressaltar que cooptar órgãos da imprensa para propagar a campanha germânica foi uma tática utilizada pelo *Reich* na América Latina. Carla Russ apontou o financiamento de jornais e mesmo a fundação de periódicos exclusivos para o fim de disseminar propaganda como uma prática comum do Estado germânico na região.¹⁴ Além d'*A Tribuna*, outros exemplos brasileiros podem ser apontados. De acordo com André Cândido da Silva, houve uma tentativa da representação alemã no Rio de Janeiro de comprar parte do *Jornal do Comércio* na esperança de cooptar a folha para o seu espectro (2015: 640).

O chefe da redação do *A Tribuna* à época da guerra era Lindolfo Boeckel Collor, genro de Luiz Bartholomeu. Além de redator-chefe, foi também um dos articulistas da folha. Collor era filho da primeira geração de imigrantes teutos ao Brasil. Dominava o idioma alemão quando migrou da cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para o Rio de Janeiro em 1911, portando uma carta de recomendação ao redator-chefe do *Jornal do Comércio*, João Lage. Como jornalista, trabalhou em algumas das principais redações da capital federal, como O País, Em novembro de 1913, desligou-se de suas funções no *Jornal do Comércio* para trabalhar no gabinete do ministro da Agricultura de Hermes da Fonseca, Edwiges de Queirós. Em fevereiro de 1914, o jornalista casou-se dentro da alta sociedade fluminense, com a filha de Luiz Bartholomeu, Hermínia de Sousa e Silva.

Apesar do casamento fora do núcleo germânico, Lindolfo Collor demonstrava manter ligações com o grupo. Interesses econômicos e políticos pareciam nortear essas relações. Provavelmente, foi por seu intermédio que a redação do vespertino uniu-se aos esforços das sociedades de imigrantes e da legação diplomática do *Reich* no país, colocando suas páginas à disposição da campanha dos Impérios Centrais. Quando consolidada a alteração do enfoque sobre a guerra, aumentou no jornal o volume dos anúncios de casas de comércio, firmas e profissionais liberais germânicos e teuto-brasileiros. Na década de 20, findado o conflito, Collor lançou-se em carreira política, apadrinhado por Borges de Medeiros, presidente do Rio Grande do Sul e próximo às comunidades germânicas. O jornalista

radicado no Rio de Janeiro buscou nos grupos de origem teuta respaldo para sua campanha para deputado federal, discursando no idioma dos seus pais para atrair votos e apresentar-se como um de seus quadros políticos.¹⁵

Outro título da imprensa fluminense que demonstrou amplo apoio aos alemães durante a guerra foi a revista católica *Vozes de Petrópolis*, fundada em 1907. Apesar de pertencer à Ordem de S. Francisco, era uma revista de variedades, como indica seu subtítulo: *Revista quinzenal religiosa, científica e literária*. O sumário expõe a ampla gama de assuntos abordados: contos e novelas de temática religiosa dividiam espaço com artigos de cunho político e social, críticas literárias, e notas sobre o cotidiano da política nacional e internacional. A revista foi direcionada também para a apresentação de aspectos culturais da Alemanha. Em julho de 1914, publicou a série “História moderna da sociedade hamburguesa”, e traduziu para o português textos em alemão e resenhas de publicações cuja autoria era teuto-brasileira.

A atenção dispensada à Alemanha se tornaria mais evidente a partir de julho de 1914. O conflito eminente não passou despercebido pelos editores da *Vozes*. Na seção “Dos nossos dias”, assinada pelo escritor e jornalista Júlio Tapajós, notas eram dando conta das movimentações diplomáticas das potências envolvidas. Com as primeiras declarações de guerra sendo anunciadas, a revista abriu uma seção para tratar exclusivamente do conflito: “A Guerra - Ecos e comentários”, onde as primeiras análises acerca dos acontecimentos, sob uma interpretação simpática, foram apresentadas aos leitores.

A guerra foi um assunto em destaque no quinzenário, que não se restringiu a noticiar os seus principais eventos. Isto é, a revista conduziu uma narrativa da conflagração. Já em 1914, a publicação assumiu como missão ser “documento histórico em que se registra o que ocorre de mais importante [...]”.¹⁶ Isso porque reclamava da maneira como outros jornais traziam notícias da conflagração, sempre, em seu entendimento, de maneira desfavorável ao Império Alemão. “O telégrafo internacional está hoje nas mãos dos inimigos da Alemanha. Dizem que na Suíça são a Alemanha e a Áustria que propagam notícias falsas. Que os suíços se defendam e reajam!”, lia-se. Já “no Brasil, se dá o contrário, e é por isso que nos cumpre desfazer intrigas”.¹⁷ Assim a revista se manteve até a entrada do Brasil na guerra, em 1917. Sua atuação durante o conflito a transformou em alvo dos ataques contra o patrimônio alemão e teuto-brasileiro: em novembro de 1917, a gráfica da Ordem de Franciscanos em Petrópolis, responsável pela impressão das edições da *Vozes de Petrópolis* e do jornal *Nachrichten*, foi empastelada por populares (Luebke, 1987: 165).

Os franciscanos também são apontados pelo historiador francês Olivier Compagnon como importantes artífices da propaganda alemã no Rio de Janeiro (2014: 106). Isso pode ser explicado pelos elos existentes entre a ordem e a comunidade dos *Rio-Deutsche*. Uma destas ligações era o frei Pedro Sinzig. Nascido em Linz, na Alemanha, Sinzig transferira-se para o Brasil ainda jovem, aos 17 anos, como noviço. Em 1899, naturalizou-se brasileiro, dedicando-se à conformação de uma imprensa alinhada aos valores católicos. Em 1908, tornou-se o editor da *Vozes de Petrópolis*, a qual esteve à frente até 1920; em 1910, fundou o Centro da Boa Imprensa, cujo objetivo era coordenar os esforços para a construção de um jornalismo católico. Sua atuação na imprensa brasileira o notabilizou em sua terra natal: quando percorreu a Europa, ainda em 1910, para angariar fundos para a criação do *Diário Católico*, foi convidado pelo Reichstag para palestrar sobre sua atuação na imprensa brasileira.

Além de editor, Sinzig era articulista na *Vozes*. Sob o pseudônimo de Francisco de Lins, assinou artigos e a seção “A Guerra”. O franciscano publicou ainda o livro *Em plena guerra*, ainda em 1914. A atuação de Pedro Sinzig e da Ordem dos Franciscanos na defesa da campanha alemã durante a Primeira Guerra Mundial expõe a presença dos teuto-brasileiros entre a comunidade católica. Segundo Frederick Luebke, a integração dos católicos teutos às sociedades locais era maior do que a verificada entre os protestantes, em razão do caráter universalista do catolicismo e das liturgias serem executadas na língua local, o português (Luebke, 1987: 37-39). Contudo, alemães e teuto-brasileiros se organizavam dentro da Igreja de Roma a partir da sua identidade étnica germânica. No Rio de Janeiro, em 1912, foi criada a primeira paróquia em língua alemã da cidade a Comunidade Católica, pelo padre J. Pabst Jr. (Michahelles, 2003: 148).

Durante a Primeira Guerra Mundial, católicos brasileiros e teuto-brasileiros se articularam em prol da campanha alemã. Em 12 de janeiro de 1916, católicos apoiadores da Alemanha organizaram um evento público, no qual o acadêmico Franklin da Costa Parreiros fez a conferência *A dissolução francesa e a virilidade germânica*. O encontro foi finalizado com a execução do hino *Deutschland über alles* e do Hino Católico dos Brasileiros.¹⁸ Outro exemplo da interseção entre germanofilia e catolicismo nas reações à Primeira Guerra Mundial no Brasil é o jornalista Carlos de Laet. Atuante nas associações católicas, como o Círculo Católico da Mocidade, foi condecorado com o título de conde romano pelo Vaticano. O polemista utilizou ainda de seu lugar nos jornais fluminenses para afirmar posição favorável àquele país e as razões pelas quais os alemães tinham seu favoritismo. Carlos de Laet era um dos diretores e conferencistas da Liga Brasileira Pró-Germânia, entidade mantida por brasileiros e teuto-brasileiros para

promover a causa germânica e fazer frente às ações da Liga Brasileira pelos Aliados (Pires, 2021).¹⁹

A ação conjunta de católicos brasileiros e teuto-brasileiros mostra as alianças étnicas feitas pelas comunidades alemãs com as sociedades locais durante a Primeira Guerra Mundial. O conceito foi inicialmente usado por Panikos Panayi para mencionar o movimento feito por imigrantes teutos e seus descendentes de apoiarem as campanhas militares dos países em que residiam, em detrimento daquelas do Império Alemão, como forma de conter os ataques que sofriam como “inimigos estrangeiros” (Panayi, 2014: 18). No exemplo brasileiro, porém, podemos afirmar que para evitar as hostilidades sofridas, as alianças étnicas serviram também para tentar cooptar a sociedade local para a causa germânica e disputar com os Aliados a narrativa do conflito. Esta parece ter sido uma estratégia seguida não apenas pelos núcleos germânicos no Brasil, mas também em outras partes da América Latina. Carla Russ atestou que alemães e descendentes contaram com a primordial adesão de pessoas externas aos círculos de imigrantes para disseminar a propaganda alemã (Russ, 2019: 3).

As negociações entre brasileiros e os Rio-Deutsche em prol do Reich e sua campanha na Grande Guerra pode ser expressa na figura do deputado federal João Dunshee de Abranches. O maranhense era advogado de formação, professor de física e ciências naturais, e jornalista experimentado.²⁰ Dunshee foi um dos mais destacados intelectuais germanófilos do Brasil, durante a Primeira Guerra Mundial. Entre 1914 e 1917, usou seu lugar como parlamentar para protestar contra as interferências inglesas em assuntos internos do Brasil, defender a imigração alemã dos ataques sofridos à época e, por conseguinte, a Alemanha.

Até o ano de 1924, Dunshee publicou um total de 19 títulos, entre livros e livretos. Seus títulos circularam no Rio de Janeiro e outros estados da federação, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Pará e Maranhão. Alguns desses títulos foram: *A Inglaterra e a soberania do Brasil*, em 1915; *A Black List e o Projeto Dunshee e Ainda a Black List: apelo ao presidente da República*, em 1916; *A Alemanha e a paz, A Ilusão Brasileira e Contra a guerra: declaração de voto sobre a quebra da neutralidade brasileira* em 1917. O deputado manteve-se atento aos diferentes estágios de interação do Estado e da sociedade brasileira com a guerra e suas demandas. A maior parte da sua obra é composta por pronunciamentos e discursos feitos no Congresso Nacional ou textos endereçados a componentes do governo de Wenceslau Brás, demonstrando que mais do que conquistar simpatias à campanha alemã entre a sociedade civil, Dunshee, enquanto parlamentar,

trabalhou para influenciar políticas estatais no que dizia respeito ao conflito.

Embora negasse o título de *germanófilo* que lhe era atribuído na imprensa e na Câmara dos Deputados, as afirmações de Dunshee de Abranches a respeito da guerra alinhavam-se aos interesses dos *Rio-Deutsche*.²¹ Em suas publicações e discurso, o deputado federal defendeu a contribuição dos imigrantes e seus descendentes para o desenvolvimento brasileiro, e acusou a perseguição que sofriam da parte dos defensores dos Aliados. Denunciava, também as arbitrariedades britânicas cometidas contra o comércio dos neutros. Em seus escritos, a Alemanha foi apontada como vítima de uma campanha difamatória orquestrada pelos Aliados ao mesmo tempo em que exaltava suas qualidades culturais, que a tornaria, no seu entendimento, a principal potência mundial do período. Já os ingleses eram o alvo maior das críticas de Dunshee, que os acusava de usar práticas imperialistas para atingir seus objetivos no conflito, violando a soberania nacional dos países neutros.

Um exemplo de sua mobilização na Câmara dos Deputados que favoreceu aos interesses dos *Rio-Deutsche* foi o Projeto Dunshee.²² O projeto de lei foi apresentado em agosto de 1916, visando coibir as ingerências dos beligerantes sobre o comércio internacional brasileiro. A proposta de legislação era composta de quatro parágrafos: o primeiro deles suspendia o exequatur de representantes diplomáticos localizados no Brasil, caso ficasse comprovada tentativas de restringir a liberdade comercial de brasileiros ou estrangeiros localizados em território nacional; o segundo parágrafo previa a anulação dos contratos firmados nesses termos, favorecidos por constrangimentos de qualquer natureza a outrem; o terceiro se ocupava da punição contra os que levantassem propagandas de difamação ou boicote contra qualquer companhia localizada no Brasil, enquanto o último revogava todas as disposições em contrário. Outros nove deputados assinaram a proposta, mas Dunshee de Abranches figurava como o seu principal redator.

No discurso de apresentação do projeto aos deputados, a guerra foi exposta como uma luta mercantil levada às últimas consequências, onde se disputavam com tanques, granadas e dreadnoughts fontes de matéria prima e consumidores. A peleja seria o prelúdio de outras batalhas ainda mais ferozes por mercados, e desdobrar-se-ia em uma nova conflagração global, embora sem o manejo das armas, um argumento já utilizado pelo parlamentar em falas anteriores. Segundo o raciocínio de Dunshee, era necessário preservar os povos isentos nas disputas atuais e vindouras de abusos e ataques à sua soberania, provenientes da *Black List* britânica. Para Abranches, havia de se considerar que “se há tentado aplicar aos países neutros, tão livres e

soberanos quanto os mais livres e soberanos dos que ora pelem, o decreto do governo britânico, instituindo a *lista negra (black-list)*, e destinado naturalmente ao Reino Unido e suas colônias” (Annaes, 1916: 377). Daí a urgência de se apresentarem medidas efetivas contra ela, ou contra qualquer outra iniciativa de mesmo monte, “defendendo a toda transe o que de mais sagrado, nobre e melindrável existe na soberania nacional” (Annaes, 1916: 377). Na defesa do projeto perante seus colegas legisladores, Abranches apresentou os protestos que lhe haviam sido encaminhados por firmas de propriedade teuto-brasileira, como a Casa Hoepcke e a Fraeb e Cia., alegando terem sido prejudicadas pela Black List e pela interferência dos agentes consulares britânicos. Além disso, embora não mencionasse os alemães nominalmente, afirmou que no Brasil havia o desejo de preservar o bom trato com absolutamente todos os países beligerantes.

A alusão ao Império Alemão seria feita na carta ao presidente da República, em dezembro de 1916. A missiva era uma justificativa ao projeto Dunshee. Embora renovasse os votos de confiança nas decisões do mandatário, o remetente pretendia lembrá-lo da relevância dos germânicos - e dos teuto-brasileiros - para a vida comercial e financeira da República. Afirmou:

No Brasil, porém, que é o caso que particularmente nos interessa, o elemento germânico, como também o teuto-brasileiro, não representa apenas o comércio intermediário, não é só o grande comissário da importação, o maior exportador, o mais hábil banqueiro, o melhor cliente e o mais liberal dos credores mercantis. Negocia também com os gêneros do país, como acontecia com o antigo português. É industrial, é lavrador, e, acima de tudo, em largas zonas, já chega a ser o pequeno e precioso cultivador dos alimentos de primeira necessidade (Abranches, 1916: 8).

Outra demonstração do alinhamento entre os interesses dos *Rio-Deutsche* e o discurso de Dunshee de Abranches sobre a guerra está na campanha do deputado para a manutenção da neutralidade brasileira. Naquele momento, a neutralidade do país era posta em xeque por parcela considerável da sociedade diante dos ataques de submarinos alemães.²³ O deputado manifestou-se publicamente contra ao que era, até então, uma possibilidade. Em *A Ilusão Brasileira*, escrito em 1916 e publicado em 1917, defendia que o Império Alemão era um imprescindível parceiro comercial da República, uma influência indispensável ao desenvolvimento intelectual da nação, além de mais igualitário e justo no trato com o governo brasileiro, quando comparado às ordens de Paris e Londres. Segundo Dunshee, o Brasil deveria mirar-se no “mais famoso monumento da civilização contemporânea” para conquistar sua independência, algo que, na sua

interpretação, seria sacrificado em caso de alinhamento com a Entente (Abranches, 1924: 376-377).

Àquela altura da guerra, a provável declaração de guerra do Brasil ao Império Alemão seria um revés aos interesses dos *Rio-Deutsche*. Haveria evidentes prejuízos materiais, com a adoção da *Black List* britânica como parâmetro pelo governo brasileiro, e as implicações sobre os seus negócios e firmas que tal determinação acarretaria. Além disso, o rompimento das relações teuto-brasileiras resultaria na adoção de medidas restritivas em relação às comunidades de imigrantes, tal qual acontecia em outras sociedades aliadas. A transformação do Brasil em um beligerante da Entente também iria de encontro aos interesses do *Reich* na região, uma vez que havia um esforço em manter os países latino-americanos neutros no conflito (Russ, 2019).

A conformidade de Dunshee de Abranches com os *Rio Deutsche* não se encontrava apenas no campo discursivo. A comunidade alemã fazia a impressão e distribuição das obras de Abranches sobre a guerra, como o discurso *A conflagração europeia e suas causas*. À época da guerra, era na redação do *Deutsche Tageblatt* que o deputado buscava informações sobre o conflito, e seus livros dão a entender que capitalistas teuto-brasileiros, não apenas do Rio de Janeiro, o viam como um intermediário de seus reclames.²⁴ Além disso, antes de assumir a cadeira de parlamentar no Congresso Nacional, o intelectual fora diretor da Federação das Associações Comerciais do Brasil e delegado da Associação Comercial do Maranhão (Dunshee de Abranches, 1917: 19). Em 1917, ao fim do seu mandato, dedicou-se às atividades de consultor de empresas de capital alemão, e tomou parte em companhias de imigração. Tais dados foram trazidos no último livro de Dunshee publicado sobre a Primeira Guerra e seus efeitos, *O Tratado de Versalhes e os alemães no Brasil*, escrito em 1922, no qual tentava convencer seus leitores da impossibilidade do governo brasileiro em fazer valer as cláusulas do tratado de paz, em vista dos prejuízos à economia do país (Abranches, 1924).

Considerações finais

Os *Rio Deutsche* eram como se autodenominavam a comunidade de imigrantes assentada na capital da república brasileira. Diferentemente dos núcleos ao sul do país, eram formados por capitalistas, intelectuais e outros profissionais liberais, além de essencialmente urbanos. Outro aspecto que distinguia o grupo era o seu grau de interação com a sociedade local, circulando nos espaços de poder e integrando-se à elite política e cultural da cidade.

Apesar das divergências com as comunidades de imigrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os *Rio Deutsche* tinham na

identidade étnica o elo que os unia. A afirmação do *Deutschtum* amalgamou o grupo e promoveu sua organização em torno de associações, cuja finalidade parecia ser a de promoção do semblante cultural específico daquele grupo. Quando a Primeira Guerra Mundial se concretizou, em agosto de 1914, os *Rio-Deutsche* se organizaram em prol da campanha alemã. Afinal, a conflagração representava uma dupla ameaça: à sua identidade étnica e aos seus interesses comerciais e financeiros, ambos atacados pelas ações de propaganda e pela *guerra econômica* dos Aliados.

A reação dos *Rio Deutsche* ao conflito foi uma demonstração do caráter global e transnacional do conflito. Afinal, as estratégias da qual lançaram mão entre agosto de 1914 e 1917 - ano em que o Brasil se declarou beligerante, ao lado da Entente - foram utilizadas em outras partes da América Latina, pelas comunidades de imigrantes germânicos da região. Por iniciativa daquele grupo, houve a cooptação de jornais e de personalidades fora da comunidade, para divulgarem a campanha e oferecer um contraponto à narrativa aliada disseminada por meio da propaganda e dos partidários locais daquele bloco de combatentes. Isso não era por acaso. Afinal, as representações diplomáticas do Reich agiam como intermediários não apenas da propaganda encaminhada à América Latina, como também das ações das comunidades alemãs, interligadas entre si. A ação dos *Rio Deutsche*, por fim, demonstra a complexidade dos desdobramentos da Primeira Guerra sobre os latino-americanos, interagindo com as demandas dos beligerantes e reagindo a partir dos seus próprios parâmetros, criando novos significados para a conflagração.

Referencias bibliográficas

- Abranches, D. (1916). Ainda a Black List. Imprensa Nacional
- Abranches, D. (1924). O Tratado de Versalhes e os Alemães no Brasil. Pareceres e Memoriais. Tipografia Casa Vallele
- A Guide to the Press of Central and South America (2018). Watergate House
- Annaes da Câmara dos Deputados (1914). Imprensa Nacional
- Annaes da Câmara dos Deputados* (1916). Imprensa Nacional
- Arouca, F. B. (2023). *Para além das trincheiras: propaganda, censura e narrativa da Primeira Guerra Mundial no Brasil (1914-1918)*. [Tese inédita de doutorado] Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Audoin-Rouzeau, S. e Becker, A. (1998). Violência e consentimento: a 'cultura de guerra' do primeiro conflito mundial em J. Rioux e J. Sirinelli (eds.), *Para uma história cultural* (pp. 237-258). Estampa
- Bacca, R. R. (2015). Estudios sobre la Primera Guerra Mundial en America Latina. Una mirada comparada. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, (42), 43-73
- Carden, R. (2014). *German Policy Toward Neutral Spain, 1914-1918 (RLE The First World War)*. Taylor & Francis
- Compagnon, O. (2014). *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rocco
- Dunshee de Abranches e suas obras: catálogo histórico e explicativo* (1917). Empresa de Publicidade
- Flachs, M. C. V. de. (1994). Emigraciones transoceánicas. Los alemanes en América. 1850 - 1914. El caso argentino. *Cuadernos de historia contemporánea*, 16, 65-98
- Gértz, R. (1998). *O perigo alemão*. UFRGS
- Hinden, H. (1922). *Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro - Ein hundertjähriges Kulturbild zur Zentenar Feire der Gesellschaft "Germania" (1821-1921)*. Rio de Janeiro
- Horne, J. (2019). End of a Paradigm? The cultural history of the Great War. *Past and Present*, 242(1), 155-192
- Horne, J. (2002). Introduction: mobilizing for 'total war' en J. Horne (ed.), *State, society and mobilization in Europe during the First World War* (pp. 1-17). Cambridge University Press

- Ingrassia, M. A. (2024). Germanidad y cultura de guerra. Representaciones de la revista Germania sobre el militarismo alemán en Argentina durante la Gran Guerra. *Historia & Guerra*, (5), 90-113
- Lenz, S. (s/f). *Sociedade Germânica no Rio de Janeiro de Herr Hinden (1866-1888)*. 1-12
- Luebke, F. C. (1987). *Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I*. Louisiana State University Press
- Michahelles, M. (2003). *A 'colônia alemã' do Rio de Janeiro: a Sociedade Germania e a construção de uma identidade teuto-brasileira*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal Fluminense
- Oliveira, L. L. (1990). *A questão nacional na Primeira República*. Brasiliense
- Panayi, P. (2014). Germans as Minorities during the First World War: Global Comparative Perspectives en P. Panayi (ed.), *Germans as Minorities during the First World War* (pp. 3-25). Routledge
- Pires, L. C. (2021). Germanófilos brasileiros durante a Primeira Guerra Mundial: uma análise preliminar. *Historia & Guerra*, (1), 23-42
- Pires, L. C. (2019). *Intelectuais nas trincheiras*. Appris
- Pires, L. C. (2019). Sob as asas da águia: os escritos de Dunshee de Abranches e o discurso germanófilo no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1917). *Cuadernos de Marte*, (16), 85-115
- Rinke, S. (2017). *Latin America and the First World War*. Cambridge University Press
- Rüss, C. (2019). Persuasive identities? German propaganda in Chile and Argentina during the First World War. *National Identities*, (21), 5-19
- Seyfert, G. (1989). A Liga Pangermânica e o Perigo Alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irreduzíveis. *História: Questões e Debates*, (18-19), 113-155
- Silva, A. C. da (2015). Nas trincheiras do front intelectual: Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no Jornal do Commercio. *Varia Historia*, (57), 635-671
- Tato, M. I. (2017). Fighting for a lost cause? The Germanophile News Paper La Unión in Neutral Argentina, 1914-1918. *War in History*, 25(4), 464-484
- Tato, M. I. (2018). *Fighting the war from the periphery: Latin America and WWI. Palestra proferida no congresso Tempos de Violência*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa

Winter, J (2014). Introduction en J. Winter (ed.), *The Cambridge History of the First World War, vol. 3, Civil Society* (pp. 1-2). Cambridge University Press

Información adicional

Sobre o autor

Livia Claro Pires é Doutoranda no Programa de História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde desenvolve o projeto *Invincível Alemanha: os discursos e ações germanófilas entre a intelectualidade brasileira durante a Primeira Guerra Mundial*. Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, grau obtido no ano de 2013 com a dissertação *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial*. A pesquisa deu origem ao livro *Intelectuais nas trincheiras*, lançado em 2019. Pesquisadora de Primeira Guerra Mundial, seus impactos e compreensões no Brasil.

Sobre el autor

Livia Claro Pires es doctoranda en el Programa de Historia Social de la Universidad Federal de Río de Janeiro, donde trabaja en el proyecto *Invincível Alemanha: os discursos e ações germanófilas entre a intelectualidade brasileira durante a Primeira Guerra Mundial*. Tiene una maestría en Historia Política por la Universidad Estatal de Río de Janeiro, que obtuvo en 2013 con su disertación *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial*. La investigación dio lugar al libro *Intelectuais nas trincheiras*, publicado en 2019. Es investigadora sobre la Primera Guerra Mundial, sus impactos y comprensiones en Brasil.

About the author

Livia Claro Pires is a PhD candidate in the Social History Program at the Federal University of Rio de Janeiro, where she is developing the project *Invincível Alemanha: os discursos e ações germanófilas entre a intelectualidade brasileira durante a Primeira Guerra Mundial*. She holds a Master's degree in Political History from the State University of Rio de Janeiro, which she obtained in 2013 with his dissertation *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial*. The research led to the book *Intelectuais nas trincheiras*, released in 2019. Researcher on the First World War, its impacts and understandings in Brazil.

Notas

1 A influência cultural francesa predominava entre as elites da maioria dos países latino-americanos, o que direcionou em

- parte seus posicionamentos durante a Grande Guerra (Rinke, 2017).
- 2 Segundo a Maria Cristina Vera de Flachs (1994), o interesse de comerciantes germânicos pelas Américas se manifestou ao longo do século XIX, se intensificando após o Congresso de Viena. A América Latina era uma das regiões cobiçadas por esses homens de negócios, provenientes em sua maioria de Hamburgo, Renania e Westfalia, o que pode ser uma possível origem da corrente migratória dos Rio Deutsche. Conforme a análise de Flachs, o comércio foi o principal instrumento para a política colonialista do Império Alemão, a partir de 1884.
 - 3 Michahelles partiu da análise do livro do engenheiro Heinrich Hinden, encomendado pelos sócios do Clube Germânia em comemoração do bicentenário da entidade, para traçar a formação do grupo no Rio de Janeiro. Como uma obra comemorativa, o livro se preocupou em mostrar sob uma perspectiva positiva a trajetória dos comerciantes e industriais estabelecidos na cidade.
 - 4 Durante a vigência do regime monárquico, a proximidade com a corte e a casa real brasileira era motivo de exaltação por parte do grupo, sendo “um dos aspectos que a diferencia de outros núcleos de imigrantes” (Michahelles, 2003: 152).
 - 5 A Sociedade Germania era uma associação fundada em 1821 por comerciantes de origem germânica e teuto-brasileiros (Michahelles, 2003: 41). A entidade era um lugar destinado à sociabilidade, mas também de articulação de interesses diversos do grupo, sendo o seu principal local de reunião. Para Carlos Fouquet, o clube era “a coluna vertebral da colônia alemã do Rio de Janeiro” (apud Michahelles, 2003: 14). Esta centralidade da agremiação e seus sócios pode ser constatada na participação ativa que tiveram na fundação e manutenção da Igreja Luterana, da Escola Alemã e da Sociedade Beneficente, três instituições relevantes para o núcleo da capital.
 - 6 René Gértz afirma que, em se tratando das comunidades alemãs do Rio Grande do Sul, havia uma presença evidente das ideias de Deuschtum entre as que se localizavam nos grandes centros urbanos (Gértz, 1998: 43).
 - 7 Segundo Frederick Luebke, a maioria da comunidade ficou à margem da guerra, não se importando com os rumos do conflito (1987, p. 146). Nas suas palavras, “a Europa era distante, e a Alemanha uma abstração sem importância imediata nas suas vidas diárias” (Luebke, 1987: 146). Trabalhadores de áreas rurais e urbanas, pequenos comerciantes e fazendeiros, não sentiam lealdade para com o

- Império Alemão, e, portanto, não viam com preocupação os rumos do conflito (Luebke, 1987: 176).
- 8 Um exemplo desse caráter foi apresentado pela historiadora María Inés Tato (2018), que afirma que a distribuição da propaganda alemã na Argentina contou com o auxílio da comunidade alemã.
 - 9 “O ministro alemão reúne a colônia do Clube Germania” (1914). *Correio da Manhã*, p. 4.
 - 10 AHI - Legação Estrangeira na Alemanha. 279/3/2. Ao final de 1914, os deputados Irineu Machado e Rafael Pinheiro manifestaram-se de forma crítica aos Impérios Centrais, e em favor dos Aliados, no púlpito da Câmara (Annaes, 1914: 665).
 - 11 A S.A. “O Malho” contava ainda no seu catálogo com a famosa revista satírica de mesmo nome, o almanaque infantil “Tico-Tico” (fundado por Luiz Bartholomeu), além de “A Ilustração” e “A leitura é para todos” (Pinheiro, 2015).
 - 12 O jornalista argentino Manuel Mateo Campos era uma conhecida figura dos *germanófilos* latino-americanos. Durante a guerra, atuou como correspondente na capital do *Reich* para diversos jornais que assumiram, em diferentes circunstâncias, um posicionamento pró-Alemanha. Dessa forma, seus relatos foram publicados no *La Unión*, de Buenos Aires; no *El Comercio*, de Quito; no *La Republica*, da Guatemala; e para o também brasileiros *O Diário*, de Porto Alegre. Além de jornalista, publicou alguns livretos utilizados como material de propaganda alemã, como *Documentos para la historia belgica y su neutralidad enigmatica* (1915); *Belgica y su neutralidad enigmatica* (1915); e *La neutralité belge* (1915). Outros jornais, que não tinham alinhamento com o Império Alemão, também fizeram uso dos seus serviços como correspondente em Berlim, como o *Jornal do Comércio*.
 - 13 *A Guide to the Press of Central and South America* (1918). Watergate House, p. 41.
 - 14 Exemplos como o A Tribuna podem ser apontados em outros países da América Latina. Em seu estudo sobre o jornal germanófilo *La Unión*, María Inés Tato constatou que a folha foi fundada pelo jornalista alemão, dono e diretor do *Deutsche La Plata Zeitung*, Hermann Tjarks, com o financiamento da legação alemã em Buenos Aires e da comunidade germânica de toda a Argentina (Tato, 2018). Também na Argentina, a revista *Germania*, que circulou entre 1915 e 1916, organizada por descendentes de imigrantes alemães emulava os mesmos objetivos e

- estratégias do jornal brasileiro e da revista *Vozes*, como veremos adiante (Ingrassia, 2024).
- 15 Lindolfo Leopoldo Boekel Collor (Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro) [Online] <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lindolfo-leopoldo-boekel-collor>
 - 16 Sinzig, P. (1914). A Guerra - Ecos e Comentários. *Vozes de Petrópolis*. v. II, p. 1035.
 - 17 Sinzig, P. (1914). A Guerra - Ecos e Comentários. *Vozes de Petrópolis*. v. II, pp. 1033-1034.
 - 18 “Conferência pró-alemanha”. 14 de janeiro de 1916. *Jornal do Comércio*, p. 9.
 - 19 Segundo o historiador Olivier Compagnon sobre as interrelações entre o catolicismo e iniciativas pró-Alemanha. Compagnon identificou existir o que chamou de “matriz religiosa de uma germanofilia que equivale, de fato, a uma forma de francofobia - ou mesmo anglofobia, no caso dos irlandeses [...]” (Compagnon, 2014: 106). No caso dos brasileiros, a separação entre Igreja e Estado promovida pela proclamação da república causou rugas entre o novo regime e a Igreja Católica no país. Havia o temor que o exemplo da república francesa fosse seguido, o que pode ter católicos da campanha alemã durante a Primeira Guerra Mundial (Oliveira, 1990: 161-162).
 - 20 Dunshee de Abranches havia, inclusive, lecionado no Colégio Brasileiro-Alemão e no Instituto H.Kopfe.
 - 21 Em seus discursos e publicações, Abranches sempre se apresentava como um patriota, alegando que suas manifestações sobre a guerra eram em prol dos interesses brasileiros (Pires, 2019: 98-99).
 - 22 O projeto rendeu dois livros: *A Black List e o Projeto Dunshee e Ainda a Black List: apelo ao presidente da República*. Em *A Black List e o Projeto Dunshee*, Abranches reeditou o discurso feito na Câmara para defender a validade da lei proposta.
 - 23 A discussão sobre a permanência brasileira entre as nações neutras já acontecia desde 1916 entre intelectuais, políticos e outras figuras públicas do país, sobretudo após o discurso de Rui Barbosa no centenário da independência argentina. Conhecido como Os deveres dos neutros, a fala de Rui Barbosa teve ampla repercussão não só no Brasil como no exterior, fomentando ampla polêmica sobre os termos práticos da neutralidade no cenário da Primeira Guerra.
 - 24 Arquivo Dunshee de Abranches (1914-1945). Código 535. Fundação Casa de Rui Barbosa.

AmeliCA

Disponível em:

<https://portal.amelica.org/ameli/ameli/journal/678/6785555011/6785555011.pdf>

Como citar este artigo

Número completo

Mais informações do artigo

Site da revista em portal.amelica.org

AmeliCA

Ciência Aberta para o Bem Comum

Livia Claro Pires

Los Rio-Deutsche y la estructura de la campaña a favor de Alemania en Brasil durante la Primera Guerra Mundial

Los Rio-Deutsche y la estructura de la campaña a favor de Alemania en Brasil durante la Primera Guerra Mundial

The Rio-Deutsche and the structure of germanophile campaign in Brazil over First World War

Historia & Guerra

núm. 8, p. 31 - 51, 2025

Universidad de Buenos Aires, Argentina

historiayguerra@gehigue.ar

ISSN-E: 2796-8650

DOI: <https://doi.org/10.34096/hyg.n8.15989>



CC BY-NC 4.0 LEGAL CODE

Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.